

2. O adeus da beleza

O Salmo 41 é um canto de alegria e dor, porque é um canto de desejo. No desejo há sempre um misto de alegria e dor, de felicidade e tristeza, às vezes intermitentes, às vezes fundidos em uma estranha coincidência de opostos, como, muitas vezes, testemunham os místicos cristãos. Porque o desejo da alma é o confronto com a presença e a ausência de realização, do objetivo do nosso coração.

Quando fazemos qualquer experiência de verdadeira beleza, seja da criação, da natureza, seja da cultura, como na arte, música e na poesia, somos tomados por uma nostalgia, porque o que estamos experimentando com alegria, o que está dando satisfação, ao mesmo tempo nos diz: "Adeus!". Quando admiramos uma bela paisagem natural, nas montanhas ou diante do mar, o que estamos observando também está desaparecendo. Certamente, sempre haverá novos amanheceres dourados e novos pores-do-sol abrasadores, mas aquele amanhecer, aquele pôr do sol, não haverá mais. Não será mais o mesmo, e nós também não estaremos lá, não teremos os mesmos sentimentos, talvez estaremos mais distraídos ou superficiais, e não veremos com a mesma intensidade aquela beleza.

Cada bela experiência nos diz "Adeus", e isto é uma consolação, porque tudo o que passa, é como se marcasse um encontro com Deus, em Deus. Diz-nos: "A Deus". Em Deus encontramos e encontraremos toda a beleza que passa, que nesta terra não experimentaremos mais, como foi nesta experiência. Acima de tudo a experiência, a mais bela de todas, da amizade, a beleza da amizade, do amor de e por uma outra pessoa. Também entre marido e mulher, cada experiência de amor diz "Adeus!", remete a uma plenitude em Deus de nossa vida, de nossas relações, sentimentos, que nesta vida estão sempre ameaçados a desaparecer, se corromper e terminar. E mais se tem consciência disto, mais se aprecia a beleza que passa, o momento de amizade que se vive agora, porque esta consciência permite viver tudo sem querer segurar nada, deixando as coisas existirem, as experiências, sem querer colecionar ou arquivar a beleza artificialmente.

De fato, Jesus nos pede para "acumular tesouros nos Céus" (cfr. Mt 6,20), isto é, dizer "Adeus!" com serenidade a cada experiência, momento da vida, de beleza, amor, afeto, fraternidade, para poder conservar tudo para sempre. O possesso virginal das coisas e pessoas, é possível vivendo tudo na dimensão do "Adeus!".

E Jesus enfatiza que, ao fazer isto, nós também encontraremos nosso coração:

"Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." (Mt 6,19-21)

O nosso coração também necessita dizer "A Deus!" a todos e a tudo, se deseja encontrar a si mesmo, eternamente em Deus. Quando não dizemos "A Deus!" ao que está fora de nós, é como se o que está fora de nós, nos arrastasse consigo em seu desvanecimento, no seu passar. Ao invés, deve acontecer o contrário: que remetendo ao Senhor todas as nossas experiências, afetos, os momentos bons e

verdadeiros que vivemos, "acumulamos" tudo no Céu, em Deus, para nós mesmos e para os outros, também para a criação "que geme e sofre" (Rm 8,22), pois a sua "ardente expectativa (...) espera a manifestação dos filhos de Deus" (Rm 8,19). É como se o nosso coração tivesse o poder de trazer de volta a Deus todo o tempo, todos os encontros, todas as pessoas, na medida em que tudo é vivido na virgindade, que não segura nada para si, mas remete tudo à plenitude na comunhão com Deus.

Padre Christian de Chergé, o Prior da comunidade dos Trapistas mártires de Tibhirine, termina seu testamento, que pode ser considerado como uma das páginas cristã mais intensas e significativas, dizendo "À Dieu", "A Deus", também ao "amigo" muçulmano que poderia um dia tirar-lhe a vida, como de fato aconteceu: "E tu também, amigo do último minuto, que não saberá o que estava fazendo. Sim, para ti também quero este OBRIGADO e este A-DEUS, previsto por ti. E que nos seja concedido um reencontro –ladrões abençoados–, no paraíso, se assim for do agrado de Deus, nosso Pai, de ambos."¹

O mártir cristão deseja que até o último encontro com seu próprio "inimigo", possa ser transformado em um encontro eterno com o Pai do Céu. Jesus, por primeiro, disse "a Deus" àqueles que o crucificavam, pedindo o perdão do Pai (cfr. Lc 23,34), e ao ladrão arrependido, disse um "Adeus", que era um "nos veremos em breve no paraíso" (cfr. Lc 23,43).

Tudo o que vivemos dizendo verdadeiramente "A Deus!", vivemos com verdadeira intensidade, com verdadeiro respeito e amor, e garantimos um possesso eterno, asseguramos que nunca perderemos, que eternamente poderemos apreciá-lo. Somos chamados, enquanto cristãos e, especialmente, como monges, a dar ao mundo, à humanidade inteira, esta experiência casta, pobre, obediente e feliz de vida, para permitir a Cristo realizar a salvação de tudo o que é humano.

A percepção da consciência do fim, do término de tudo, isto é, a sede de Deus, torna o momento teso, e isto dá a plenitude ao tempo, ao aqui e agora da vida, e, portanto, para toda a vida. Pe. Christian de Chergé torna eterno, também o último minuto de sua vida, e o último encontro com o irmão que o assassinará, que chama "amigo do último minuto", pois já está pronto para viver aquele instante, doando e oferecendo-o a Deus. A tensão ao objetivo final da vida, reúne os momentos dissipados pela cronologia do tempo, e os unifica, unifica a vida, a torna integral, "monástica" no sentido literal do termo. Por isso precisamos de tempo e momentos de recolhimento da dissipação da vida, para reorganizar tudo. Não se trata de "colocar ordem", mas de abandonar-se de novo a uma tensão ao fim, a uma sede de realização, à sede do Deus vivo. Caso contrário, se apenas colocamos ordem, assim que voltarmos a ativa, tudo se desordenará como, e talvez pior, que antes.

¹ « Et toi aussi, l'ami de la dernière minute, qui n'auras pas su ce que tu faisais. Oui, pour toi aussi je le veux ce MERCI, et cet « À-DIEU » en-visagé de toi. Et qu'il nous soit donné de nous retrouver, larrons heureux, en paradis, s'il plaît à Dieu, notre Père à tous deux. »